

LUZ, CÂMERA, AÇÃO COM ACESSIBILIDADE: A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA ESCOLA INCLUSIVA

Renata Carvalho da Silva ¹

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre o processo de criação e desenvolvimento de um Clube de Acessibilidade Audiovisual como projeto piloto da UTEC Alto Santa Terezinha no COMPAZ Eduardo Campos em parceria com a Escola Poeta Jonatas Braga, da rede municipal de Ensino do Recife, por estudantes do Ensino Fundamental, entre 11 e 15 anos de idade, protagonistas, editores e audiodescritores de produções audiovisuais. Os estudantes da rede produzem cerca de 300 filmes por ano e participam do EMCINE, o maior evento de Audiovisual em escolas públicas do Brasil. Percebemos que essas produções precisam passar por processos que viabilizam a acessibilidade. A audiodescrição é uma faixa narrativa adicional que consideramos fundamental para facilitar a acessibilidade audiovisual de pessoas cegas ou com baixa visão. Os estudantes do referido clube produzem filmes e também, as faixas narrativas de audiodescrição. Indagamos se a criação de um Clube de Acessibilidade Audiovisual nas escolas e UTEC's da rede pode contribuir para a promoção da Inclusão. Nossa hipótese é que o Clube de Acessibilidade Audiovisual contribui para construir a Escola Inclusiva facilitando a acessibilidade audiovisual de pessoas com deficiência, e constrói, também, um ambiente educativo com empatia. Entendemos que este trabalho é relevante porque, como afirma Pacheco (2007), para se construir a Educação Inclusiva a escola precisa ser um espaço acolhedor. Fazer acessibilidade audiovisual nas escolas pode construir pontes para a Inclusão.

Palavras-chave: Produção Audiovisual, Acessibilidade Audiovisual, Escola Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato do processo de criação e desenvolvimento de um Clube de Acessibilidade Audiovisual fundado em março de 2019 na UTEC Alto Santa Terezinha no Compaz Eduardo Campos. O clube é composto por estudantes do Ensino Fundamental II (anos finais) da Escola Municipal Poeta Jonatas Braga. As atividades são voltadas para o estudo e a produção de audiovisual nas diversas formas, utilizando a audiodescrição para a proporcionar a acessibilidade de pessoas com deficiência visual.

¹ Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, renata.carvalho.prof@gmail.com.



A audiodescrição é um recurso que consideramos fundamental para facilitar a acessibilidade audiovisual de pessoas com deficiência visual. Indagamos nessa pesquisa se a criação de um Clube de Acessibilidade Audiovisual pode contribuir para a promoção da Inclusão nas escolas. Nossa hipótese é que o clube de Acessibilidade Audiovisual tem potencial de contribuição para a promoção da Inclusão facilitando a acessibilidade audiovisual de pessoas com deficiência visual.

O objetivo geral desse trabalho é contribuir com a promoção da acessibilidade audiovisual às pessoas com deficiência visual nas escolas. Como objetivos específicos pretendemos produzir audiovisual com o recurso da audiodescrição junto aos estudantes do Ensino Fundamental; e propor o clube de acessibilidade audiovisual como modelo de uma ferramenta para promoção da acessibilidade audiovisual nas escolas municipais do Recife.

Segundo Wendel Freire (2011), graças à eficiência crescente das tecnologias da inteligência e da comunicação em colaboração com crianças e jovens, existe a possibilidade de transformação de do telespectador em protagonista.

METODOLOGIA

Trata-se de uma Pesquisa-ação de cunho qualitativo, cuja metodologia é a produção de audiovisual utilizando a audiodescrição em um Clube de Acessibilidade Audiovisual na UTEC Alto Santa Terezinha. A pesquisa-ação é uma metodologia de pesquisa que se desenvolve em torno de um problema cujo tratamento emerge do interesse investigativo da ação do próprio pesquisador (MONCEAU, 2005).

Os encontros acontecem nas quarta-feiras, das 14:00 às 17:00 horas, com a realização de oficinas de produção audiovisual para estudantes do quinto ano da Rede Ensino Fundamental II (anos finais), que atuam na monitoria auxiliando a facilitadora. E nas sexta feiras, das 14:00 às 17:00 horas, acontecem encontros com a equipe de monitores para realizar planejamento das oficinas, elaboração de material, roteiros, *storyboards*, gravações e produções audiovisuais diversas.



Elaboramos audiodescrição de curta-metragem, de animação, de livros paradidáticos, de locais, fotografias, imagens etc. Fazemos a divulgação em escolas municipais como proposta de ferramenta para a Inclusão.

Costa (*apud* PAPERT, 1997, *in* ALMEIDA, DIAS, SILVA, 2013) questiona o potencial das tecnologias da informação e comunicação como ferramenta pedagógica, não apenas como fonte de informação, mas também como facilitadora da aprendizagem, da interação social e do desenvolvimento da sensibilidade inerente a essência humana.

Concordamos que a produção de audiovisual na Educação possui esse potencial, uma vez que o processo dessas produções envolve a construção de narrativas nas quais se requer a capacidade de se colocar no lugar do personagem, de perceber o mundo com um olhar mais preocupado com a realidade e os detalhes de uma determinada situação. E, quando falamos em acessibilidade audiovisual, esse potencial se amplia, pois, se faz necessário a construção da empatia para que a pessoa desenvolva a atitude de prestar a assistência necessária à pessoa que necessita de acessibilidade.

Correia (*in* GOMES, 2018) explica que a questão da inclusão está intimamente ligada à acessibilidade, e que as tecnologias da informação e comunicação são alternativas importantes para grande número de pessoas com deficiência, para a questão da aprendizagem, do acesso à informação, do exercício de uma atividade, e do lazer.

REFERENCIAL TEÓRICO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) são ferramentas que estão presentes nas práticas sociais, nos cotidianos dos estudantes, e também na escola. A escola precisa utilizar as tecnologias, não como apenas ferramentas, mas como mediadoras do conhecimento construído pelos estudantes.

A produção audiovisual pode ser uma possibilidade importante de desenvolver um ensino que consiga abranger vários métodos e ferramentas que tragam sentido à aprendizagem.

Rodrigues (2015) explica a importância do ensino com essa mistura de experiências que mesclam atividade com e sem tecnologias, mas que tem como foco a aprendizagem dos estudantes. “No modelo de ensino híbrido, a tecnologia viabiliza novos e distintos métodos de avaliação, como recursos diversos, sistemas de cooperação ou de registro individual de sistemas de cooperação ou registro individual de resultados, formas variadas de entrega e apresentação.” (RODRIGUES, 2015, p. 124).

Nesse sentido, a produção audiovisual na escola, que coloca o estudante no centro do processo de construção de conhecimento permite essa aprendizagem cooperativa, em que o estudante é ativo nesse processo.

Essa aprendizagem se dá com a criação de sentido pelos estudantes porque o universo do cinema e da produção audiovisual está muito atrelada ao dia-a-dia dos estudantes e tende a ser do interesse e das motivações dos estudantes em consumir e até mesmo produzir esses audiovisuais.

O professor Moran (2015) explica que “A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos em seu íntimo, quando eles acham sentido nas atividades propostas quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos criativos e socialmente relevantes”. (MORAN, 2015, p. 33). Podemos perceber a importância de se construir projetos que partem do universo do estudante, que estejam em diálogo com os interesses e realidade desse alunos.

O professor Moran (2015) reforça a importância da contextualização desse ensino que utiliza de tecnologias tendo como ponto de partida os interesses dos estudantes. O autor explica que “Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para aquilo que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar – no meio de inúmeras contradições e incertezas -, a qual ilumina nosso passado e presente, bem como orienta nosso futuro.” (MORAN, 2015, p. 31).

Ao citar Kress (2001), Ribeiro (2021: 31) explica que

Segundo Kress (2001), o professor e a escola terão de aderir às novas tecnologias não por questões políticas, mas por razões semióticas. Hoje e no Brasil, talvez possamos mesmo discordar, para retomar a importância do político, em especial depois da experiência com uma pandemia que nos mostrou, entre muitas outras coisas ruins, nosso despreparo infraestrutural e formativo em relação às TDIC.

A escola, então deve acolher essas tecnologias, sem, no entanto, ensinar o uso da tecnologia pela mesma, ou simplesmente utilizar sem um trabalho de contextualização e reflexão sobre o seu uso de forma crítica.

Paulo Freire já falava sobre a importância de um ensino que respeite os saberes prévios dos estudantes, que envolva métodos variados, com pesquisa e reflexão crítica, pois “Crianças e jovens estão cada vez mais conectadas às tecnologias digitais, configurando-se como uma geração que estabelece novas relações com o conhecimento e que, portanto, requer que transformações aconteçam na escola” (BACICH, 2015, p. 47).

Essa criticidade pode ser melhor desenvolvida se refletimos e agimos sobre a questão da acessibilidade que as produções audiovisuais podem e devem ter.

“Com o advento das ferramentas focadas em interatividade, surgiram as plataformas adaptativas, que são softwares especialmente desenvolvidos para analisar o comportamento de seus usuários e propor atividades personalizadas, um salto importante para a personalização do ensino.” (SUNAGA e CARVALHO, 2015, p. 147).

Hummel (2015) ressalta a importância das tecnologias assistivas no processo de construção de uma escola inclusiva, colaborando com a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Nesse sentido, o trabalho com acessibilidade audiovisual utilizando tecnologias como a audiodescrição, tem um potencial de contribuir com o ensino na perspectiva crítica e transformadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Clube de Acessibilidade Audiovisual foi criado em março de 2019, e já temos várias produções gravadas e publicadas com temas relevantes para as escolas e comunidade. Inclusive já gravamos audiodescrições de diversas obras. Concordamos com, Carvalho (in GOMES, 2012; 44) quando afirma que “a proposta de Educação Inclusiva como remoção de



barreiras para a aprendizagem e para a participação tem como pressuposto que todos são capazes de aprender. Todos.”

Ao produzir audiovisual com audiodescrição, os estudantes desenvolvem a capacidade de se colocar no lugar do outro e ter um olhar mais atencioso a questão das necessidades de pessoas com deficiência visual terem acesso a essas produções, uma vez que, é direito de todas as pessoas participar da cultura produzida na sociedade, incluindo a produção audiovisual.

Esse trabalho com o Clube de acessibilidade Audiovisual da UTEC Alto Santa Terezinha, portanto, tem sido relevante para a construção do protagonismo, da autonomia e da empatia dos estudantes.

É possível perceber, com esse trabalho, que fazer audiodescrição nos ajuda na compreensão de histórias, situações e narrativas diversas, e, portanto, auxilia na aprendizagem, na leitura e oralidade, na autonomia, e na capacidade de se colocar no lugar do outro, além de auxiliar no processo de inclusão de pessoas com deficiência visual promovendo acessibilidade audiovisual.

Correia (*in* GOMES, 2018) ressalta a importância de, ao produzir algo, sempre se preocupar com a questão da inclusão, por ser uma questão de cidadania e melhoria significativa na qualidade de vida para todos. Consideramos, portanto, que o Clube de Acessibilidade Audiovisual pode ser uma proposta muito relevante para promover a Inclusão nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que as experiências de produção audiovisual com audiodescrição no Clube de Acessibilidade Audiovisual da UTEC Alto Santa Terezinha contribuiu muito para o processo de aprendizagem sobre a Educação Inclusiva, a acessibilidade, a autonomia, a



cidadania, e a empatia dos estudantes, e pode contribuir para a promoção da Inclusão nas escolas.

Consideramos que essas competências são importantes para a aprendizagem dos estudantes de forma crítica, construtiva, criativa e significativa.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à UTEC Alto Santa Terezinha, ao Compaz Eduardo Campos, e à Prefeitura do Recife pelo acolhimento do projeto e pelo apoio na execução do mesmo. Agradecer à Gerência de Educação Especial do Recife pela liberação para a participação no evento VIII Congresso Nacional de Educação. E agradecer à comissão do evento VIII Congresso Nacional de Educação pelo aceite do nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BETTEGA, Maria Helena Silva. **Educação continuada na era digital**. 2ª Ed. - São Paulo: Cortez Editora, 2010.

CARVALHO, Rosita Edler. **A escola inclusiva como a que remove barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos**. In: GOMES, Márcio (org.). *Construindo as trilhas para a Inclusão*. (Coleção Educação Inclusiva) 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORREIA, **Tecnologias para a inclusão da pessoa com habilidades diferentes**. In: GOMES, Márcio (org.). *Construindo as trilhas para a Inclusão*. (Coleção Educação Inclusiva) 2. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSTA, Fernando Albuquerque, **O potencial transformador das TIC e a formação de professores e educadores**. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; DIAS, Paulo; BENTO, Duarte da Silva (orgs.). *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital*. São Paulo: edições Loyola, 2013.



FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Coleção Leitura).

FREIRE, Wendel (org.). **Tecnologia e Educação: as mídias na prática docente.** 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

HUMMEL, E. I. **Tecnologia Assistiva: a inclusão na prática.** Curitiba: Appris, 2015.

MONCEAU, Gilles. **Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa e profissionalização docente.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 467- 482, set./dez. 2005.

PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.